

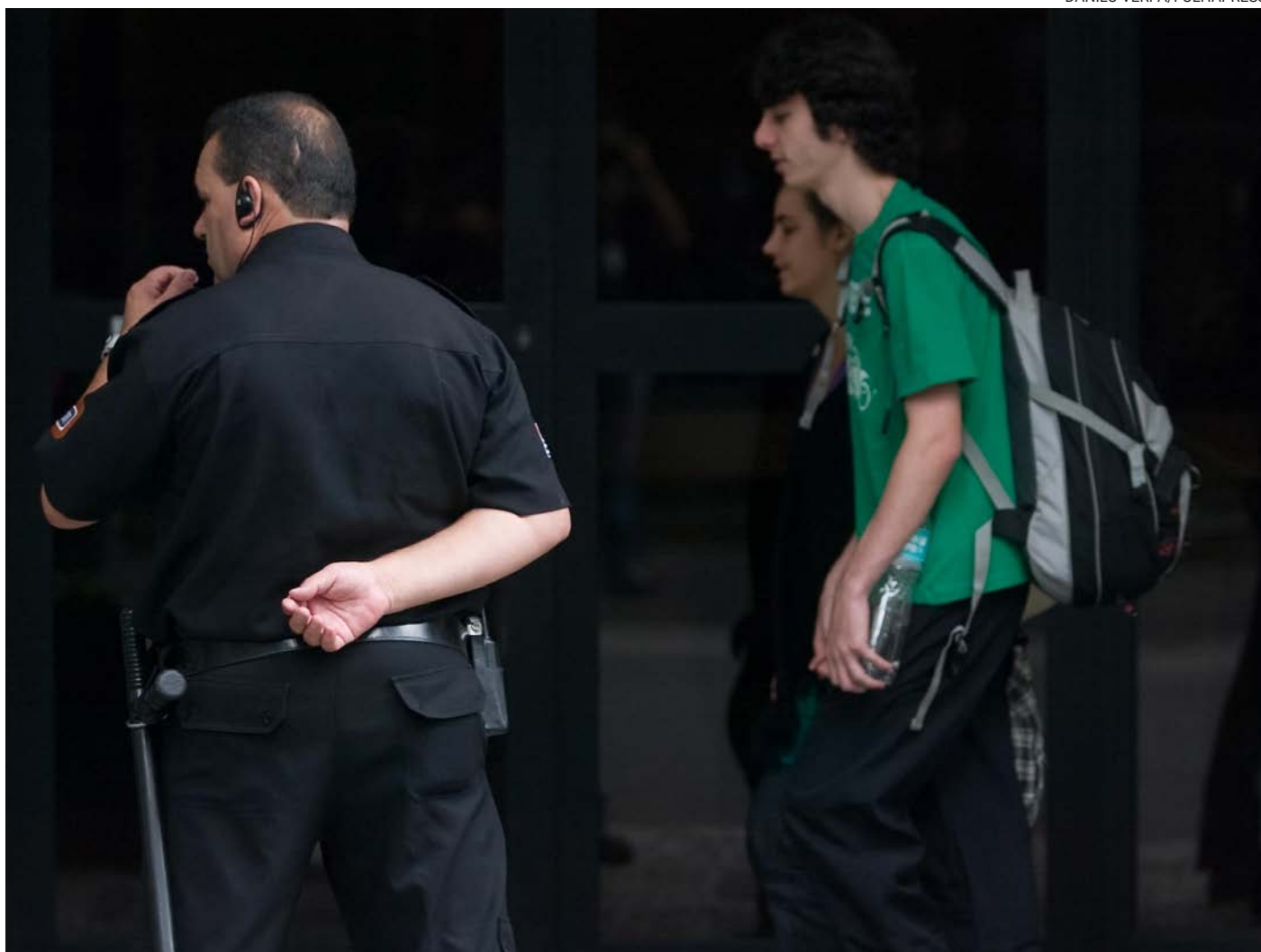
# Serviços de vigilância movimentaram R\$ 40 bilhões em 2017

Segundo dados da Pesquisa Anual de Serviços (PAS), do IBGE, setor de vigilância privada possui boa produtividade e, proporcionalmente, emprega mais mão de obra do que a média do setor de serviços

**Miguel Matteo**

14 de janeiro de 2020

DANILO VERPA/FOLHAPRESS



Empresas de vigilância estão cada vez mais informatizadas, o que se reflete na mão-de-obra dos profissionais do setor

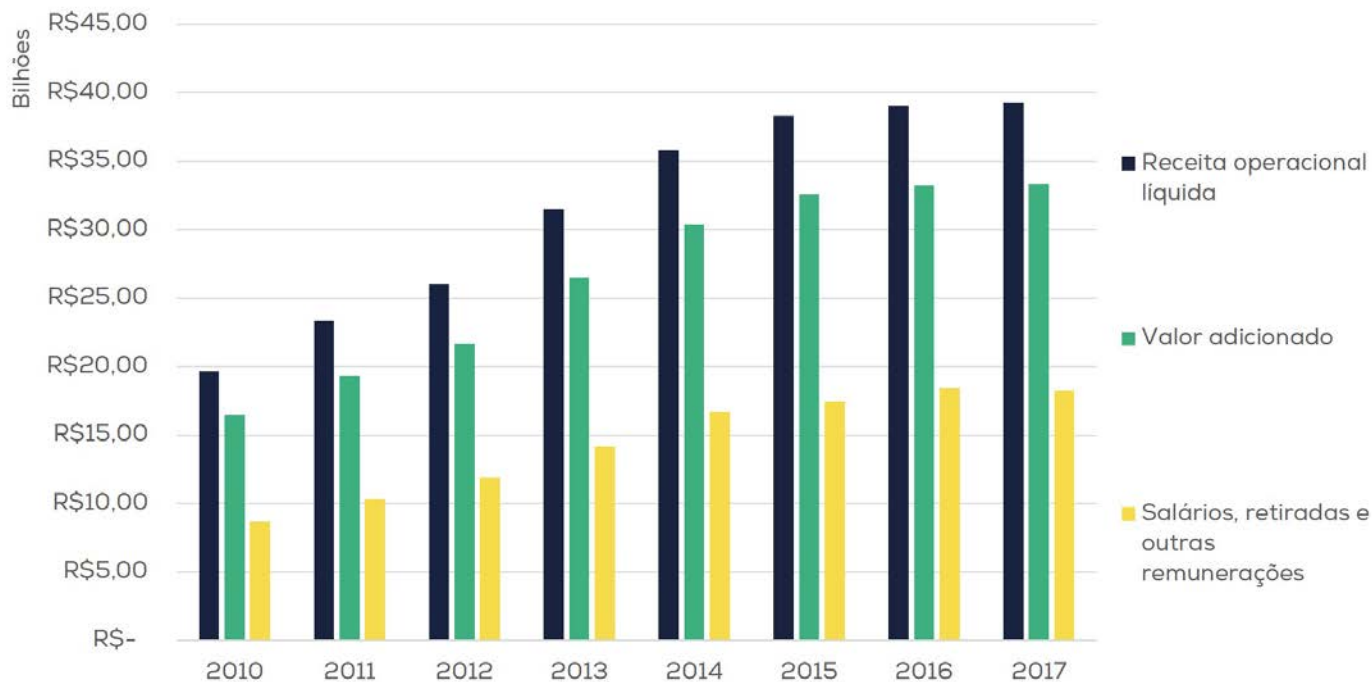
Com os níveis de violência e criminalidade apresentados pelo Brasil, é de se supor que as empresas de vigilância, investigação e transporte de valores tenham ganhado importância no cenário econômico nacional nos últimos anos. De fato, quando olhamos os dados disponíveis, vemos a importância desta atividade para a economia do país.

Mas é sempre relevante analisarmos o que exatamente tais dados nos dizem. Assim, de acordo com a PAS (Pesquisa Anual de Serviços[1]), do IBGE, os dados aqui analisados mostram que o segmento de Atividades de Segurança e Investigação (inclusive transporte de valores) teve, em 2017 (último ano disponível), uma Receita Operacional Líquida de R\$ 39,3 bilhões, o que equivale a 2,58% de todo o setor de serviços pesquisado pelo IBGE nessa pesquisa, uma evolução a partir de 2010, quando representava 2,29%, e movimentava menos de R\$ 20 bilhões.

Em termos de valor adicionado, a participação do setor de vigilância dentro do total dos serviços é maior que a participação em receita líquida, chegando, em 2017, a 3,68% (também uma evolução em relação a 2010, quando era de 3,31%). Isso mostra que o setor possui boa produtividade, provavelmente advinda da introdução de novas tecnologias e processos.

Chama a atenção, no entanto, a participação dos salários pagos pelo setor: em 2017, foram pagos R\$ 18,2 bilhões, o que representava 5,43% dos salários pagos em todo o setor de serviços. Embora a participação sobre o total, em 2010, também fosse relativamente alta, ela estava na casa dos 5,09%, o que mostra a evolução dos salários pagos no setor de vigilância, em relação ao total do setor e serviços, mostrando que o setor dispõe de uma certa qualificação do trabalho.

### Serviços de investigação, vigilância, segurança e transporte de valores



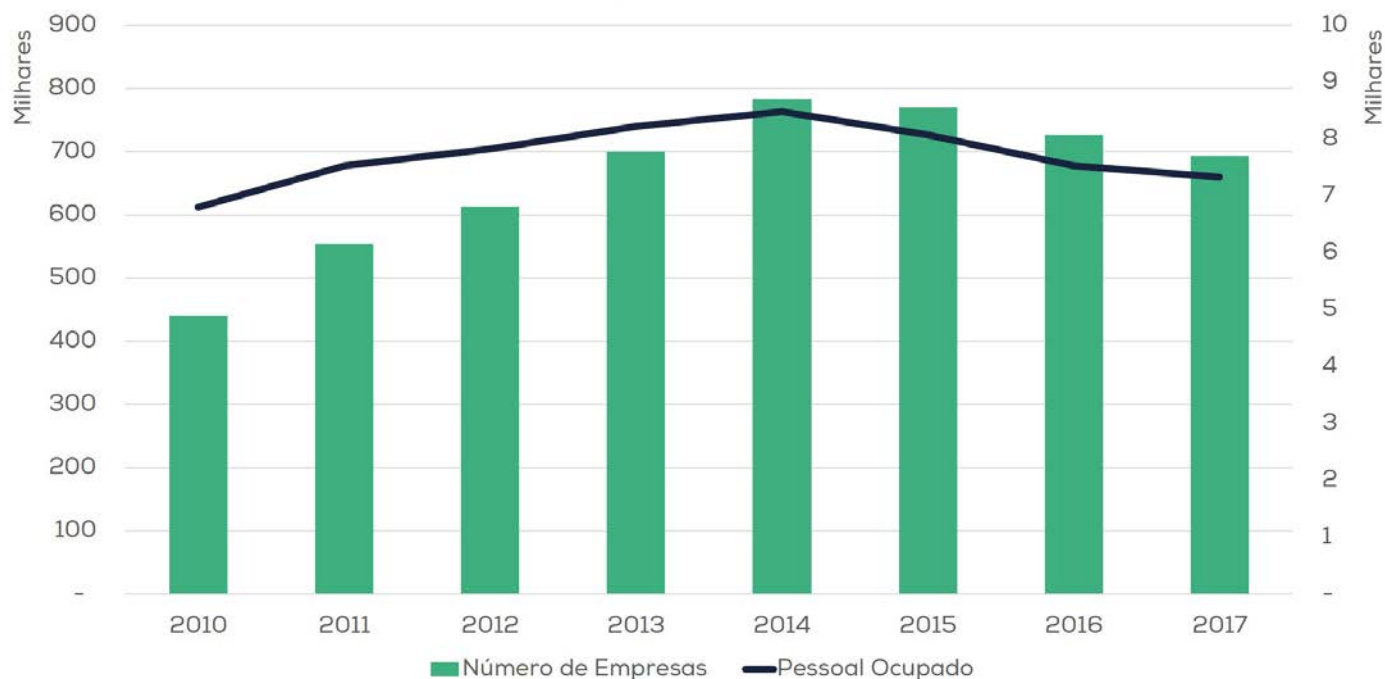
Fonte: Pesquisa Anual de Serviços – PAS (IBGE).

No que se refere ao número de empresas, nota-se uma evolução crescente no setor. Em 2010, eram 4.892 empresas no setor e em 2014 esse número saltou para 8.699. No entanto, a partir daí a evolução passa a ser decrescente, e em 2017 o número de empresas registradas para esse tipo de atividade ficou em 7.697.

O número de pessoas ocupadas no setor também mostra uma evolução semelhante, com crescimento entre 2010 e 2014 (de 611.782 a 762.981 pessoas ocupadas) e logo em seguida um decréscimo, terminando 2017 com 659.439 profissionais, emulando os efeitos da crise econômica vivida pelo país como um todo e indicando também um processo de ajuste em curso no setor, que ainda não foi concluído.

Dados do Departamento de Estatística da Federação Nacional das Empresas de Segurança e Transporte de Valores (Fenavist) mostram que a queda continua em 2019, com 0,73% menos pessoas ocupadas em 2019 em relação a 2018 (quando houve ligeiro aumento).

## Total dos Serviços e Serviços de investigação, vigilância, segurança e transporte de valores



Fonte: Pesquisa Anual de Serviços – PAS (IBGE).

Essa queda tem dois motivos principais: em primeiro lugar, parece haver maior uma correlação entre o crescimento econômico geral e o crescimento da atividade de serviços de vigilância, independentemente do índices de violência. Nesse cenário, fica claro que as empresas reduzem seus custos a partir da redução da atividade econômica, e assim passam a contratar menos serviços de segurança.

Em segundo lugar, as empresas se informatizaram cada vez mais, com métodos de vigilância à distância a partir de câmeras, e sistemas de alarme automatizados, o que se reflete na mão-de-obra dos profissionais. É o caso das portarias mais modernas em edifícios residenciais, nos quais o tradicional porteiro é trocado por fechaduras eletrônicas e sistemas de identificação à distância, centralizados em um único local (e que podem atender a diversos edifícios simultaneamente).

E há um terceiro, e mais preocupante motivo, que é a concorrência com empresas clandestinas ou semiclandestinas, que atuam na margem e/ou nas brechas dos marcos regulatórios e dos parques sistemas fiscalizatórios. Sem se submeterem às regras legais, tais empresas oferecem estruturas de custos, e, por conseguinte, preços inexecutáveis. Porém, conquistam contratos que depois não conseguirão honrar.

Seja como for, resta ver como o setor reagirá a duas situações que podem se modificar nos próximos anos: de um lado, como se comportará o setor diante de um possível cenário de crescimento econômico, e de outro, como se comportará o setor se os níveis de violência, que diminuíram em 2019, continuem declinantes nos próximos anos. O importante é que os dados como os aqui contidos mantenham a sua periodicidade e permitam que essas avaliações possam ser feitas.

A ideia de aumentar a atividade do setor de investigação, vigilância e transporte de valores como correlata ao aumento da violência não se mostra com clareza na evolução de dois indicadores provenientes da PAS, os de número de empresas e de pessoal ocupado.

Dito de outra forma: o setor não pode ser visto apenas como subproduto dos nossos obscenos índices criminais, mas está inserido na lógica econômica da sociedade brasileira e, mesmo que conseguíssemos reduzir a criminalidade a patamares civilizados, ainda assim o setor de vigilância tende a crescer.

O que precisa ser frisado, contudo, é que para isso ocorra, é preciso marcos regulatórios mais modernos e mecanismos de fiscalização mais eficientes. Há no Senado um Projeto de Estatuto da Segurança Privada pronto para ser votado, mas lobbies opostos e internos ao próprio setor têm conseguido atrasar a sua tramitação.

[1] A Pesquisa Anual de Serviços – PAS, realizada pelo IBGE, tem por objetivo identificar as características estruturais básicas do segmento empresarial da atividade de serviços no País e os principais resultados das empresas prestadoras de serviços não financeiros em 2017 estão divididos em sete grandes segmentos: *Serviços prestados principalmente às famílias; Serviços de informação e comunicação; Serviços profissionais, administrativos e complementares; Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio; Atividades imobiliárias; Serviços de manutenção e reparação; e Outras*

atividades de serviços. Dentro da seção "Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares" se encontra a divisão "Atividades de Vigilância, Segurança e Investigação", que engloba as atividades de vigilância privada e transporte de valores.

**Miguel Matteo**

Pesquisador Aposentado do IPEA. Foi Chefe da Divisão de Estudos Econômicos da Fundação SEADE

---

<https://backup.forumseguranca.org.br/tema-da-semana/template-1-tema-quente-nvemo-b68k9-oinjq-x4bze-fvitd-pz74i-6oimx-6p6tm-skje3-8j4tq-yfy74>

